

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

Memória e Documentos

CENTRALIDADE DO MARXISMO NOS NÚCLEOS DE PESQUISA SOBRE TRABALHO-EDUCAÇÃO¹

Lucília Machado

Introdução

Para tema dos dois trabalhos encomendados a serem apresentados nessa 25ª. Reunião Anual da Anped, nosso GT - Trabalho e Educação – indicou a necessidade de dar continuidade às nossas discussões sobre a construção do nosso campo de estudos, questão que já mereceu de outros colegas, tais como Miguel Arroyo, Acácia Küenzer, Iracy Picanço, Eunice Trein, Gaudêncio Frigotto, dentre outros, importantes reflexões.

Temos tido o interesse pelo balanço crítico do estado da questão, mas é preciso que nosso GT defina como vamos realizá-lo pois é grande o volume da produção acumulada, trata-se de uma tarefa complexa e é preciso tempo suficiente e o envolvimento de uma equipe para tal.

¹ Esse texto foi produzido como decorrência das discussões realizadas no I Intercrítica – Intercâmbio Nacional dos Núcleos de Trabalho e Educação, seminário proposto pelo Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (Neddate) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, coordenado pelos colegas Sonia Maria Rummert e José Rodrigues e realizado nos dias 19 e 20 de agosto daquele ano, em Niterói. Trata-se de trabalho encomendado pela Coordenação do GT- Trabalho e Educação para a 25ª Reunião Anual da Anped, realizada, também, em 2002, no qual foi apresentado.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

À guisa de contribuição para esse esforço coletivo, foi-me, então, proposta a abordagem de um tópico, a análise das experiências de organização dos núcleos e grupos de pesquisa sobre Trabalho-Educação. Para tal, decidi circunscrever a discussão a uma questão, a afirmação de que o referencial do marxismo tem sido o marco teórico resguardado e nutrido pelos pesquisadores destes núcleos de pesquisa e que, portanto, o campo Trabalho-Educação estaria se desenvolvendo, nestes núcleos, a partir dele.

Esta decisão foi amadurecida durante o Seminário Intercrítica – Intercâmbio Nacional dos Núcleos de Trabalho e Educação – proposto pelo Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (Neddate) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, sob a coordenação dos professores Sônia Maria Rummert e José Rodrigues, e realizado nos dias 19 e 20 de agosto do presente ano de 2002, em Niterói.

Nesse Seminário, vários representantes de núcleos e grupos ali presentes reiteraram o marxismo como o suporte teórico-metodológico de suas atividades. É interessante constatar essa convergência de interesses e, para muitos, ela não causa surpresa, mas o que entendemos ou praticamos como pesquisa fundada do marxismo? E o que isso significa no momento atual dos nossos núcleos e grupos de pesquisa e da conjuntura em que nos encontramos mergulhados? O que isso significa se considerarmos o quanto nós nos vimos fortemente interpelados a fazer a revisão de nossas concepções teóricas ou a migrar para outros paradigmas, à força dos acontecimentos dos últimos quinze anos.

Fomos intimados a essas mudanças de posturas, primeiro, pelo impacto dos fatos representados pela crise do socialismo real, pela revolução restauradora que o capitalismo vem buscando realizar em suas estruturas através da modernização tecnológica e do neoliberalismo. Fomos argüidos por aqueles que, a partir de outros

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

enfoques analíticos, decretaram a obsolescência e questionaram a propriedade analítica dos quadros categoriais e conceituais do materialismo histórico e dialético. Fomos convocados a argumentar sobre a atualidade e pertinência das concepções de mundo, sociedade, ciência e educação que vínhamos adotando para a construção do campo Trabalho-Educação.

Em artigo sobre “A crise dos referenciais e os pesquisadores em trabalho e educação: o lugar do marxismo entre os educadores”, Ferreira (s/d) relata as conclusões de sua tese de doutorado e afirma:

... tenho boas razões para afirmar que esses intelectuais continuam apostando no pensamento marxista como paradigma possível e necessário para a compreensão dos problemas do nosso tempo. Dos trinta e quatro pesquisadores estudados somente dez produziram teses que não se alinham com o materialismo histórico. Mesmo entre estes, há teses em que os autores marxistas aparecem no texto, nestes casos o que os afasta do materialismo não é a negação da razão moderna ou do iluminismo, mas a opção metodológica na qual o texto se ampara. Seguramente, cabe afirmar que, tais pesquisadores, não se encantaram com o “charme” das teorias pós-modernas. Ao menos aquela parcela que defendeu suas teses entre os anos 94 e 98 (período contemplado pela pesquisa).

Este estudo procura, corretamente, datar a produção acadêmica analisada e circunscrever os limites de seus resultados. Além disso, a necessidade de matizar as nossas observações nos obriga a evitar a colocação do problema do ponto de vista da lógica formal, opondo o “é marxismo” e o “não é marxismo”. Cabe, ao meu ver, a partir de uma perspectiva bem mais fértil, a dialética, apontar a necessidade de analisar como se estabelece a unidade desses contrários à vista do devir, ou seja, da possibilidade desse campo de estudos de estar, de fato, se constituindo como um campo de diálogo, mas que, de maneira superadora, resguarda e se nutre do

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

marxismo, e sobretudo, contribui para o seu desenvolvimento. A esse respeito, Ferreira (s/d) concluiu que:

(...) os novos pesquisadores contrariam aquilo que Kuhn aponta como tendência normal dos praticantes de uma ciência em tempos de crise. De acordo com Kuhn, são os pesquisadores novos que, em primeiro lugar, começam a abandonar a antiga teoria, sendo que os mais antigos se mostram mais perseverantes com a preservação da velha.

Tais colocações nos instigam a aprofundar as respostas às nossas perguntas: Qual o conhecimento que temos, de fato, sobre o assunto? Outros suportes referenciais não estariam coabitando o nosso campo de estudos? Nossas impressões sobre o processo e os produtos de nossas pesquisas são suficientes para corroborar a afirmação de que o marxismo é central em nossos estudos? Em que referências essa afirmação está se apoiando? As referências que foram utilizadas para fazê-la seriam suficientes para chegar a essa conclusão?

Num nível mais complexo de problematização, poderíamos, ainda, perguntar sobre o lugar que, efetivamente, a nossa contribuição na produção de conhecimentos no campo Trabalho-Educação estaria ocupando na constituição da totalidade do próprio real. Que ela tem seu lugar, isso é indiscutível, mas qual é a sua expressão? Essa contribuição estaria tendo um significado à altura do que se requer quando se reclama o marxismo como referencial orientador?

Por fim, duas indagações a mais: o que uma indagação como esta, a cerca do papel de centralidade do marxismo na constituição atual do campo Trabalho-Educação, traria como novidade? Quais têm sido, de fato, as tendências de desenvolvimento teórico nos núcleos de pesquisa desse campo?

Para que possamos abordar tais questões, precisamos, entretanto, trazer à memória duas advertências importantes, ambas desconfortáveis. A primeira nos faz

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

recordar que posto o problema sua solução deve ser simétrica à sua natureza, ou seja: se o problema reclama pela identificação de práticas fundadas no marxismo, o que nós estaríamos entendendo como tal? A segunda, menos cômoda ainda, nos lembra: não há soluções simples para problemas complexos. Ou seja, mesmo definindo teoricamente o que são práticas de pesquisa fundamentadas no marxismo, as dificuldades de sua constatação empírica são grandes, considerando-se seu caráter complexo e de contínua transformação.

Para os objetivos dessa exposição, dispomos de dados escassos, apenas registros informais do conteúdo das comunicações orais feitas durante o Seminário Intercrítica e dois dossiês. O primeiro dossiê trata de um conjunto de informes feitos por quatro núcleos de pesquisa e publicados, em 1997, no número um da Revista Trabalho & Educação do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação (Nete) da Faculdade de Educação da UFMG. Além da comunicação do próprio Nete, podemos encontrar lá as exposições do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados (Neddate) da Universidade Federal Fluminense, do Núcleo de Mudanças Tecnológicas e Educação do Trabalhador da Universidade Federal do Paraná e do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação (NET) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O segundo dossiê, publicado em junho de 2001, no número 33 do periódico Educação em Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais contempla a apresentação de cinco núcleos ou grupos de pesquisa, a saber: Nete/FAE/UFMG, Neddate/FAE/UFF, Núcleo Trabalho e Educação (NTE) do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da FAE da Universidade Federal do Ceará, do Grupo Trabalho-Educação da Fundação Carlos Chagas e da PUC-SP e do grupo Trabalho e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

Reconhecendo que na lógica do analisado podemos encontrar senão as boas respostas, mas pelo menos suas indicações, e admitindo que “os homens só se põem questões que são capazes de resolver”, devo, contudo, salientar as insuficiências do material disponível para responder ao problema formulado.

Procurarei, assim, desenvolver preferencialmente o discurso da procura e tirar algumas conseqüências desse exercício tendo em vista a continuidade de nossas reflexões. Na verdade, os problemas de toda teoria se desatam na práxis e esta minha exposição se propõe a ser apenas um fragmento dela, facultar uma pequena contribuição, mesmo que suscitando mais problemas que oferecendo respostas, ao nosso corpo de conhecimentos sobre nós mesmos, pesquisadores do campo Trabalho-Educação.

1. Os núcleos e grupos de pesquisa sobre Trabalho-Educação em atividade atualmente

Existem, em atividade, no momento, onze núcleos/grupos de pesquisa segundo consta do levantamento que foi realizado pelo Neddate ao programar o Seminário Intercrítica. São eles:

- NEDDATE – Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal Fluminense;
- NETE – Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal de Minas Gerais;
- Grupo Interinstitucional de Pesquisa sobre as Relações Trabalho/Educação da Fundação Carlos Chagas e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (observação: o núcleo está em extinção na PUC, sua evolução

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

provável será uma articulação institucional entre pesquisadores da Fundação Carlos Chagas e da Faculdade de Sorocaba).

- Núcleo Trabalho e Educação do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará;
- Grupo de Pesquisa em Educação e Trabalho do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina;
- Núcleo de Estudos em Trabalho e Educação da Universidade Federal do Paraná;
- Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal da Bahia;
- Grupo de Estudos Educação e Trabalho da Universidade Estadual de Campinas;
- Núcleo Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- Grupo de Estudos sobre Trabalho e Educação da Universidade Federal de Pelotas;
- Grupo de Trabalho Trabalho e Educação da ANPEd.

Estes núcleos e grupos se diferenciam entre si com relação à época de seu surgimento, mas todos têm a década de 1980 como referência básica do início das pesquisas sistemáticas sobre Trabalho-Educação no Brasil. Alguns se encontram vinculados exclusivamente a programas de pós-graduação em educação, outros se estruturam de forma mais ampliada abrigando também pesquisadores vinculados a outras áreas de conhecimento e níveis de ensino e, inclusive, externos às instituições em que estes núcleos se encontram sediados, em geral, universidades públicas.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

Alguns abraçam focos mais abrangentes de pesquisa dentro desta temática e outros focos mais específicos.

Internamente, esses núcleos e grupos, como estruturas dinâmicas que são, passam por mudanças na composição de seus quadros de pesquisadores em razão de processos regulares de renovação do conjunto de mestrandos, doutorandos e bolsistas de iniciação científica e aperfeiçoamento e em decorrência do fluxo das aposentadorias e do ingresso de novos professores concursados. Faz sentido, portanto, perguntar sobre as influências dessa circulação de protagonistas sobre as escolhas dos suportes referenciais teóricos em utilização.

Com relação aos tipos de atividades desenvolvidas, os núcleos e grupos não apresentam grandes diferenciações entre si, salvo em extensão e amplitude, sobre o que não dispomos de dados suficientes para uma comparação. Podemos dizer, entretanto, que todos eles têm interesses no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão; na produção regular de artigos, livros, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado; na realização de eventos, consultorias e assessorias a sindicatos, associações e entidades dos movimentos sociais, empresas públicas e privadas, sistema público de ensino e instituições de educação profissional. Alguns vêm mantendo regularmente intercâmbios nacionais e internacionais com pesquisadores e núcleos afins.

O espaço cotidiano de sua atuação é o interior das instituições em que se encontram inseridos: programas de pós-graduação e cursos de graduação da área educacional. O espaço de interface com núcleos e grupos de pesquisa de áreas e temas afins tem sido procurado tendo em vista o desenvolvimento de projetos conjuntos. Para a divulgação científica, o espaço fundamental que tem sido ocupado é constituído pelas Reuniões Anuais Nacionais e Regionais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (Anped). Ainda se encontram pouco

Trabalho*necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

explorados os espaços das Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Anpocs) e da SBPC. Está em constituição o Espaço do Intercrítica, iniciativa que visa a aglutinação dos líderes dos diferentes núcleos de pesquisa com o objetivo de fazer a avaliação dos rumos que vêm sendo seguidos por esses núcleos e a identificação das possibilidades e limites delineados nessa área de conhecimento. Temos, ainda, em perspectiva, a constituição do espaço de uma Rede Brasileira de Trabalho e Educação (Rebrate) destinada a aglutinar os estudiosos da área em nível nacional e a potencializar o conhecimento que vem sendo produzido pelos núcleos e grupos. Os pesquisadores do campo têm procurado, também, ocupar o espaço da participação em cursos de especialização oferecidos por universidades e faculdades diversas; o espaço da participação na forma de conferências, palestras, debates, colóquios, seminários, etc. organizados por instituições acadêmicas e da sociedade civil; o espaço editorial com a publicação de textos e a edição de revistas e livros; o espaço dos meios de comunicação de massa; o espaço dos convênios com institutos e centros de estudos e pesquisas, com centrais e escolas sindicais e instituições científicas nacionais e internacionais.

2. Os contextos sociais em que os núcleos e os grupos se desenvolvem e atuam:

Os núcleos e grupos apresentam a condição básica de desenvolver suas atividades em meio ao aumento da complexidade e da gravidade do contexto social internacional e nacional, caracterizadas pelo acirramento da crise do capital e das contradições capitalistas, pela radicalização dos conflitos mundiais e da hegemonia

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

agressiva da política externa norte-americana, representada pela Doutrina Bush, que vem pondo em risco a segurança dos povos.

São intrínsecas às suas atividades as preocupações e questões macro-sociais relacionadas a fenômenos como reestruturação da produção capitalista, agigantamento do poder dos monopólios, globalização dos mercados e do capital, financeirização da economia, reforma e privatização do Estado, aumento do desemprego estrutural, flexibilização e desregulamentação das relações de trabalho, aniquilamento de direitos sociais, aprofundamento do domínio da lógica mercantil do valor sobre as relações e valores sociais, privatização dos bens de direito e interesse público e formulação e implementação de leis e reformas educacionais pautadas no neoliberalismo e nas imposições das agências internacionais multilaterais.

Isso significa que esses núcleos e grupos se defrontam com grandes desafios que os convocam a reagir de forma reflexiva e crítica para pensar e encontrar formas de intervenção em simetria com as necessidades postas pela emergência de novos problemas e pela reposição de antigas dificuldades ainda não superadas pela luta dos trabalhadores, dos movimentos sociais organizados, das organizações não-governamentais comprometidas com os interesses comuns e dos setores populares na busca de estratégias de sobrevivência.

3. As temáticas de pesquisa dos núcleos e grupos:

Os núcleos e grupos apresentam consciência dos interesses que comandam o processo cognitivo, apresentam as visões de mundo implícitas nesses interesses, procuram identificar, como temas de pesquisa, o que tem sido posto em questão pela objetividade da vida social, selecionam os problemas em razão de sua relação com o

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

processo histórico e a prática social, manifestando a intencionalidade de intervenção social tendo em vista modificar a realidade existente.

Considerando que os temas sobre os quais os núcleos/grupos trabalham, na maioria das vezes, apresentam-se inter-relacionados, é possível, contudo, distinguir os seguintes interesses de investigação:

- a) A categoria Trabalho, principalmente através da contribuição de Marx, Luckács e Gramsci, tendo em vista discutir sua centralidade ontológica, valor cultural e emancipatório, enquanto princípio educativo e contraponto ao desemprego estrutural e às formas perversas de inclusão social.
- b) A categoria Cotidiano, tal como refletiu Agnes Heller, tendo em vista a análise de problemáticas relativas ao cotidiano do trabalho, da escola e dos sujeitos trabalhadores, incluindo o próprio educador e os educandos.
- c) A categoria Temporalidade, a partir dos aportes de Henri Lefèbvre, para fins de recuperação da problemática da dialética continuidade/descontinuidade na historicidade dos fenômenos sociais e culturais.
- d) A categoria Saber e seu estatuto ontológico, epistemológico e político, considerando as diferentes formas de seu reconhecimento e legitimação social.
- e) A noção de Competência e as ambigüidades que ela registra quando submetida a lógicas utilitaristas e pragmáticas e a processos de institucionalização e formalização política.
- f) A crise do capital e da sociabilidade fundada nas relações capitalistas decorrentes das mudanças no padrão de acumulação e sua outra face revelada pela maior heterogeneidade interna e complexidade do Trabalhador Coletivo, configuradas por segmentações diversas e entrecruzadas conforme

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

a situação de formalidade ou não das relações de trabalho, grau de precariedade das condições de trabalho, níveis etários, origens étnicas, relações sociais de sexo e de gênero, etc.

g) As relações entre capital e trabalho mediadas pela educação, salientando:

- As novas estratégias capitalistas de acumulação e de gestão da força de trabalho, as propostas patronais de cooptação dos trabalhadores, as práticas pedagógicas desenvolvidas pela empresa, a eleição do mercado como sujeito regulador dos processos educativos;
- As questões relacionadas às estratégias de organização e educação dos trabalhadores urbanos e rurais através do movimento social e sindical, ações coletivas, produção associada e práticas econômicas e culturais diversas de sobrevivência; e
- O significado desses processos para a democratização do conhecimento e da sociedade, para o desenvolvimento da consciência de classe, para a construção de identidades e novas formas de organização da vida, para outras modalidades de inserção produtiva, para as trajetórias profissionais e a formação de culturas de trabalho.

h) Trabalho, conhecimento, saber, qualificação e competências, visando discernir a problemática da construção social da relação entre sujeito e objeto e entre sujeitos em processos de trabalho, educacionais e de participação social.

i) Trabalho e subjetividade, objetivando principalmente debater a psicodinâmica do trabalho, o lugar do sujeito no processo de emancipação e suas possibilidades de individuação, liberdade, autonomia e auto-desenvolvimento.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

j) Trabalho e tecnologia, com suas implicações na mudança societal situando o problema para além da falsa polarização entre Sociedade do Trabalho e Sociedade do Conhecimento, e para além das visões funcionalistas das transformações na organização da produção e do trabalho e nas qualificações e competências exigidas dos trabalhadores pela racionalidade capitalista.

k) Trabalho, políticas e práticas educacionais, com ênfase sobre a historicidade desta relação e na racionalidade das reformas educacionais, tendo em vista apreender a lógica de mercantilização da educação, as novas configurações da gestão da escola e do currículo, as implicações da institucionalização da lógica das competências, as tramas da gestão multipartite da educação profissional, a dialética entre propostas e contra-propostas de formação dos trabalhadores urbanos e rurais, a compreensão do que o trabalhador pode constituir de diferente na sua formação, os nexos entre pedagogia e sindicalismo, a discussão do que significa articular trabalho tal como se apresenta hoje e escola, o discurso da empregabilidade, as formulações sobre certificação profissional e suas conseqüências.

4. Os desafios teórico-metodológicos enfrentados pelos núcleos e grupos:

Nos seus relatos, os núcleos e grupos deixam pouco espaço para uma discussão mais aprofundada sobre os desafios teórico-metodológicos que eles vêm enfrentando no que se refere ao desenvolvimento do referencial marxista, especialmente quanto à relação Trabalho e Educação a partir desse enfoque.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

Identificamos a menção genérica sobre a necessidade de contraposição às iniciativas que visam desqualificar o marxismo. Nesse sentido, constatamos três questões básicas: a discussão sobre a substituição do referencial apoiado na categoria classes sociais pelo conceito de movimentos sociais, a necessidade de superar o viés da análise do trabalho numa perspectiva instrumental e de vencer os ranços do economicismo.

Com relação, ainda, aos determinismos, constatamos preocupações com relação à incorporação do debate sobre a tecnologia, que não leva em conta a necessidade de discutir a antropomorfização tecnológica, as ambigüidades do discurso sobre novas tecnologias e a importância da superação do otimismo tecnológico, incorporando esta discussão no seio do projeto democrático.

Foram mencionadas, ainda, dificuldades relacionadas ao estabelecimento de mediações entre os níveis macro e micro de análise, particularmente entre dimensões que concernem questões do trabalho e questões das práticas escolares, entre as novas fronteiras entre universidade e empresa e entre reformas educacionais e políticas destinadas a outros setores.

Ainda no plano das dificuldades metodológicas, registram-se aquelas referentes aos desafios impostos pelos objetivos de estudos comparativos e de análise de situações de trabalho através da incorporação do olhar dos próprios trabalhadores.

Por fim, constatam-se também as dificuldades com respeito à construção de sínteses, citando-se especificamente as que se referem aos projetos de formação de trabalhadores.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

5. As expectativas dos núcleos e grupos com relação à contribuição científica e social dos resultados de suas atividades:

Os núcleos e grupos têm procurado discutir e socializar os conhecimentos acumulados nesse campo temático e oferecer sua contribuição na produção de novos conhecimentos tendo em vista a compreensão da realidade e a eficácia das intervenções que levem ao avanço das práticas pedagógicas comprometidas com os ideais transformadores.

A hipótese que tenho é de que eles têm sido bem sucedidos em suas contribuições para a compreensão da crise social atual e suas conseqüências para a educação. No entanto, não temos elementos para dizer sobre a extensão e alcance de seus esforços tendo em vista a elevação dos patamares de formação dos trabalhadores e na mudança de enfoque das leituras dos profissionais da educação e mesmo se estes estão efetivamente lendo nossas produções.

Considerações finais

Pelo que analisamos, é possível dizer, em linhas gerais, que o referencial do marxismo tem sido o marco teórico resguardado e nutrido pelos pesquisadores dos núcleos de pesquisa, e que, portanto, o campo Trabalho-Educação está se desenvolvendo, nestes núcleos, a partir dele.

No entanto, é preciso considerar que estes núcleos e grupos são realidades em processo e não um produto estático. É possível que outros suportes referenciais estejam coabitando nosso campo de estudos e que perspectivas ecléticas estejam aí se desenvolvendo. É possível que estejamos falando de Marx, mas o lendo muito

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

pouco. Parece-me, oportuno, portanto, indicar a importância de um estudo específico sobre essa questão.

Existem poucos elementos nos materiais consultados sobre o que pensamos sobre nosso processo e nossos produtos de pesquisas, sobre as referências que utilizamos para afirmar a centralidade do marxismo em nossos núcleos e grupos de pesquisa e, menos ainda, uma avaliação sobre a suficiência dos critérios que utilizamos para fazer esta afirmação.

Apesar dos avanços que conseguimos no plano da divulgação dos resultados das nossas pesquisas, não temos elementos que nos informem sobre como a sociedade está recebendo e incorporando esta contribuição, ou como esta se faz parte constitutiva da totalidade do próprio real. Portanto, estudos mais aprofundados devem ser feitos tendo em vista verificar, com crítica e autocrítica, o significado da contribuição do campo Trabalho-Educação considerando sua auto-identidade com o marxismo como referencial analítico.

Essas são as “novidades” que o objeto me ofereceu ao exame que pretendi fazer. No que pude verificar, pude constatar férteis tendências de desenvolvimento teórico e de avanços fundamentais para a consolidação e ampliação do nosso campo de estudos. Pude ver que estamos buscando enfrentar a crise teórica que se instalou também do nosso lado, mas é preciso ir à frente nesse balanço e nesse esforço.

A teoria marxista requer a análise concreta de situações concretas. Ela não separa o lógico do histórico, ou seja, ela não é um corpo categorial lógico e dogmático e um amontoado de conceitos apriorísticos dos quais, simplesmente, se lança mão para interpretar a realidade, uma fôrma a receber recheios os mais diversos. É, ao contrário, um conjunto de referências críticas e autocríticas que se transformam e se renovam à medida que o real, apreendido pelas análises concretas

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

de situações concretas, sature com historicidade as categorias e os conceitos utilizados enquanto expressões da realidade mesma no nível do pensamento.

Ela se propõe a apreender e explicar o real, captar e interpretar seu movimento histórico, pondo o próprio mundo real - na sua substância, raiz e movimento - a falar de si, do seu ser, das suas contradições e transformação. Essa proposta, de natureza ontológica, toma os problemas a partir do movimento orgânico de sua constituição, de suas determinações fundamentais e das tendências de sua superação.

Foi assim que ela se constituiu como um instrumento de análise concreta e crítica da realidade histórica e da sociedade burguesa, em ligação orgânica com as condições históricas do desenvolvimento do capitalismo, a partir da interlocução histórica visando explicar a gênese desse sistema social e os mecanismos de seu desenvolvimento e transformação, tomando, como eixo, a evolução das suas contradições internas.

A teoria marxista é clara no entendimento do socialismo como forma de solução das contradições do capitalismo e, nesse sentido, traz orientações tendo em vista a superação revolucionária da sociedade burguesa. Assim, cabe nos indagar sobre o que pensamos sobre o condicionamento histórico e social da ciência que produzimos, como fazemos a aproximação concreta da nossa produção teórica com a prática social de emancipação do trabalho e como incorporamos o objetivo de compreender a realidade não apenas para a sua interpretação mas, sobretudo, para a sua transformação revolucionária.

Ela nos coloca o desafio de ser protagonistas do movimento da história, do desenvolvimento da sociedade na perspectiva da luta de classes e nos encaminha a inserir as questões educacionais na luta pela transformação revolucionária e consciente da sociedade e da escola.

Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

Estamos indo, de fato, ao encontro desta perspectiva? O que temos a dizer a respeito e o que nos une nesta teleologia?

Referências

- AUED, Bernadete W. et al. Trabalho e Educação no PPGE/UFSC: trajetória e perspectivas. *Educação em Revista: Belo Horizonte*, n° 33, jun. 2001, 171-183.
- ClAVATTA, Maria et al. Neddade – Núcleo de Estudo, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (UFF); Balanço de Atividades e Perspectivas. *Educação em Revista: Belo Horizonte*, n° 33, jun. 2001, 129-146.
- FERREIRA, Maria Onete Lopes. A crise dos referenciais e os pesquisadores em trabalho e educação: o lugar do marxismo entre os educadores. Texto foto-copiado, s/d.
- FERRETTI, Celso João; SILVA JR., João dos Reis & CARVALHO, Ruy de Quadros. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação – NET. *Trabalho & Educação: Belo Horizonte*, n° 1, fev.-jul., 1997, 184-187.
- FERRETTI, Celso João et al. Grupo Trabalho-Educação da Fundação Carlos Chagas e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *Educação em Revista: Belo Horizonte*, n° 33, jun. 2001, 147-155.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho e Educação face à crise do capitalismo: ajuste neoconservador e alternativa democrática. Tese de livre docência. Rio de Janeiro, UFF, 1993.
- _____. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos, in Gomes, C. Minayo. *Trabalho e Conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. & FRANCO, Maria Ciavatta. Reconstruindo coletivamente a trama histórica do mundo do trabalho e da educação. *Trabalho & Educação: Belo Horizonte*, n° 1, fev.-jul., 1997, 161-173.
- _____. A nova e velha face da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. Texto apresentado na 23ª reunião da ANPed. Caxambu, 2000.
- KÜENZER, Acácia Z. Educação e Trabalho no Brasil: o estado da questão. INEP: Brasília, 1987.
- _____. A concepção de núcleo temático no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. *Trabalho & Educação: Belo Horizonte*, n° 1, fev.-jul., 1997, 174-183.

Trabalho *necessário*

Issn: 1808 - 799X

ano 13, número 20 – 2015

MACHADO, Lucília. A pesquisa e as perspectivas do campo Trabalho e Educação no NETE – Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da Faculdade de Educação da UFMG. Educação em Revista: Belo Horizonte, n° 33, jun. 2001, 185-197.

_____. Anotações pessoais sobre os relatos e discussões desenvolvidos durante o Seminário Intercrítica, 19/08/2002.

NETE. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação. Trabalho & Educação: Belo Horizonte, n° 1, fev.-jul., 1997, 188- 190.

RUMMERT, Sonia & RODRIGUES, José. Intercrítica: Intercâmbio Nacional dos Núcleos de Pesquisa em Trabalho e Educação. Projeto de Seminário. Abril de 2002.

TESSER, Ozir et al. Núcleo Trabalho e Educação do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal do Ceará – NTE/UFC. Educação em Revista: Belo Horizonte, n° 33, jun. 2001, 157-169.

TREIN, Eunice. Entrevista. Trabalho & Educação: Belo Horizonte, n° 0, jul.-dez. 1996, 32-40.